

Crônicas políticas*

CARLOS HEITOR CONY[†]

Da salvação da pátria

POSTO EM sossego por uma cirurgia e suas complicações, eis que o sossego subitamente se transforma em desassossego: minha filha surge esbaforida dizendo que há revolução na rua.

Apesar da ordem médica, decido interromper o sossego e assuntar: ali no Posto 6, segundo me afirmam, há briga e morte. Confiando estupidamente no patriotismo e nos sadios princípios que norteiam as nossas gloriosas Forças Armadas, lá vou eu, trôpego e atordoado, ver o povo e a história que ali, em minhas barbas, está sendo feita.

E vejo. Vejo um heroico general, à paisana, comandar alguns rapazes naquilo que mais tarde o repórter da TV-Rio chamou de “gloriosa barricada”. Os rapazes arrancam bancos e árvores. Impedem o cruzamento da Avenida Atlântica com a Rua Joaquim Nabuco. Mas o general destina-se à missão mais importante e gloriosa: apanha dois paralelepípedos e concentra-se na brava façanha de colocar um em cima do outro.

Estou impossibilitado de ajudar os gloriosos herdeiros de Caxias, mas vendo o general em tarefa aparentemente tão insignificante, chego-me a ele e antes de oferecer meus préstimos patrióticos, pergunto para que servem aqueles paralelepípedos tão sabiamente colocados um sobre o outro.

– General, para que é isto?

O intrépido soldado não se dignou olhar-me. Rosna, modestamente:

– Isso é para impedir os tanques do I Exército!

Apesar de oficial da Reserva – ou talvez por isso mesmo – sempre nutri profunda e inarredável ignorância em assuntos militares. Acreditava, até então, que dificilmente se deteria todo um Exército com dois paralelepípedos ali na esquina da rua onde moro. Não digo nem pergunto mais nada. Retiro-me à minha estúpida ignorância.

Qual não é meu pasmo quando, dali a pouco, em companhia do bardo Carlos Drummond de Andrade, que descera à rua para saber o que se passava, ouço pelo rádio que os dois paralelepípedos do general foram eficazes: o I Exército, em sabendo que havia tão sólida resistência, desistiu do vexame: aderiu aos que se chamavam de rebeldes.

Nessa altura, há confusão na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, pois ninguém sabe ao certo o que significa “aderir aos rebeldes”. A confusão é rápida. Não há rebeldes e todos, rebeldes ou não, aderem, que a natural tendência da humana espécie é aderir.



Fotos Arquivo / Agência O Globo

Soldados do Exército na Av. Presidente Vargas no Rio, e, ao fundo, a Igreja da Candelária.

Os rapazes de Copacabana, belos espécimes de nossa sadia juventude, bem nutridos, bem fumados, bem motorizados, erguem o general em triunfo. Vejo o bravo cabo de guerra passar em glória sobre minha cabeça.

Olho o chão. Por acaso ou não, os dois paralelepípedos lá estão, intatos, invencidos, um em cima do outro. Vou lá perto, com a ponta do sapato tento derrubá-los. É coisa relativamente fácil.

Das janelas, cai papel picado. Senhoras pias exibem seus pios e alvacentos lençóis, em sinal de vitória. Um *cadillac* conversível para perto do “Six”¹ e surge uma bandeira nacional. Cantam o Hino também Nacional e declaram todos que a Pátria está salva.

Minha filha, ao meu lado, exige uma explicação para aquilo tudo.

– É carnaval, papai?

– Não.

– É campeonato do mundo?

– Também não.

Ela fica sem saber o que é. E eu também fico. Recolho-me ao sossego e sinto na boca um gosto azedo de covardia.

(2-4-1964)

Nota

1 Uma pequena lanchonete no Posto Seis, onde depois se instalou um banco.



Em apoio ao golpe, cariocas saíram às ruas na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

O ato e o fato¹

ASSIM é que o Alto Comando Revolucionário, sentindo que suas raízes não são profundas, impotente para realizar alguma coisa de útil à Nação – pois tirante a deposição do Sr. João Goulart não há conteúdo nem forma no movimento militar – optou pela tirania. Lendo o preâmbulo do Ato tive repugnância pelos seus redatores. Mas tive de sorrir ante a dificuldade com que o Alto Comando se deparou: “promulgava” ou “dava” um Ato Institucional à Nação? Os juristas de sempre, sempre subservientes, cooperaram com suas luzes: e arranjaram o termo antigo, romano: “editar”. E o Alto Comando editou.

Na realidade, não foi editado. Foi simples e tiranicamente imposto a uma Nação perplexa, sem armas e sem líderes para a reação. Foi desprezivelmente imposto a um Congresso emasculado.

O ato não foi um ato: foi um fato, fato lamentável mas que, justamente por ser um fato, já contém, em si, os germes do antifato que criará o novo fato.

Doloroso, nisso tudo, o procedimento dos chefes militares. No ano de 1962, estive na Argentina cobrindo para este jornal o movimento militar que depôs o Sr. Arturo Frondizi. Saí de lá nauseado pelo militarismo inclemente e odioso que enodoa aquela Nação. No avião que me trazia de volta, prometi a mim mesmo, à primeira oportunidade, ajoelhar-me e beijar os pés do primeiro militar brasileiro que encontrasse.

Evidente, não iria cometer o exagero. Mas a promessa foi feita para selar a minha repugnância pelo militar argentino. Os chefes que aí estão, agora, assimilaram, ao que parece, o figurino da Argentina. Em artigo escrito na ocasião, assim encerrava minha análise sobre a situação daquele país: “E a Argentina continuará como um vasto quartel, onde os civis serão apenas tolerados se se comportarem nos acanhados limites que os tanques e fuzis deixarem livres”.

Hoje, a situação brasileira, senão idêntica, é análoga à da Argentina. Com a agravante: os militares da Argentina não escondem seus apetites. Não usam o terço ou a bandeira do anticomunismo para justificarem a tirania.

Lembro de passagem o óbvio. Depois de Mussolini, depois de Hitler, invocar o anticomunismo para impor uma ditadura é tolice. A história é por demais recente, nem vale a pena repeti-la aqui.

Enfim, temos o Ato e o Fato. O Ato é esse mostrengo moral e jurídico que empulhou o Congresso e manietou a Nação. O Fato é que a prepotência de hoje, o arbítrio de hoje, a imbecilidade de hoje, estão preparando, desde já, um dia melhor, sem ódio, sem medo. E esse dia ainda que custe a chegar, ainda que chegue para nossos filhos ou netos, terá justificado e sublimado o nosso protesto e a nossa ira.

(11-4-1964)

Nota

1 No dia anterior, editado pelo Comando Revolucionário que a si mesmo denominou-se de “Alto”, foi posto em vigor um Ato Institucional que suprimia as liberdades públicas, abolia o Direito e instaurava a ditadura. O *Correio da Manhã*, através de um editorial e da crônica “O Ato e o Fato”, colocou-se frontalmente contra a força e a indignidade que se consumavam.

A natural história natural

E NCONTRO no livro escolar de minha filha (terceira série primária) algumas sábias classificações que vale a pena recordar ou aprender. Nas páginas 162 e seguintes, encontramos: “Invertebrados – Dividem-se em artrópodes, moluscos, vermes, equinodermos, celenterados e protozoários”.

Entre os artrópodes, destaquemos os moluscos: “têm o corpo mole, uns vivem dentro de uma concha, outros não. Exemplos: lesma, polvo, caracol. O

caracol é célebre pela ausência de cérebro”. Mas são de moral ilibada, incorruptíveis, bem podiam participar do Alto Comando que nos rege e guia.

Mas há os protozoários. O livro da terceira série assim os explica: “São os protozoários os seres mais simples. São de tamanho minúsculo e apesar de infinitamente pequenos, constituem um sério perigo para a vida dos homens; referimo-nos aos micróbios de origem animal, que são protozoários causadores de muitas doenças. Só podem ser vistos através de microscópios”. Mas em horas de convulsões cívicas, os protozoários são facilmente vistos através da televisão.

Falando ainda sobre animais, o manual de terceira série expõe algumas generalidades.

“Os animais não podem viver sem alimento, e, por isso, eles comem e bebem. Uns comem carne, como o gato e a onça. Outros alimentam-se de ervas ou grãos, como a galinha e o peru. Outros, os mais numerosos, comem de tudo.”

E há o capítulo das metamorfoses:

“Há animais que têm mais ou menos a mesma forma desde que nascem e outros que mudam de forma enquanto se desenvolvem.”

E, finalmente, o curioso e atual capítulo intitulado: “Meios de defesa dos animais”. Vamos transcrevê-lo na íntegra:

“Os animais vivem em luta constante, uns contra os outros. Por isso, a natureza deu a todos eles meios de defesa com os quais se defendem. Há animais que se defendem com:

- a) os chifres (o touro, o veado, o carneiro etc.);
- b) os dentes (a onça, o cão, o porco etc.);
- c) as patas traseiras (o cavalo, o burro, a zebra etc.);
- d) os pelos (o porco-espinho);
- e) o casco (a tartaruga, o tatu, a ostra etc.);
- f) a cauda (o jacaré, a baleia etc.);
- g) a tromba (o elefante);
- h) o mau cheiro que exalam (o percevejo do mato, o gambá);
- i) a cor que tomam (a perereca, o camaleão etc.);
- j) a atitude que tomam (fingindo-se mortos).”

A lição termina com o parágrafo dedicado à expressão: “Certos animais entendem-se por meio de uivos e guinchos; o homem, por meio da linguagem articulada, isto é, por meio da palavra. O homem é o único elemento da natureza que tem o dom da palavra”.

Minha filha decorou essa sabedoria toda e pretende fazer boa prova. De tanto ouvi-la repetir isso tudo, quase que acabei decorando também. E aproveito a oportunidade para oferecer a gregos e troianos, reacionários e revolucionários, guardiães da ordem vigente e pilares da sociedade, essa modesta contribuição à análise de cada um.

De protozoários estamos cheios, transbordam pelas ruas, pelos quartéis, pelas repartições, caem do céu, sobem da terra: é uma invasão. De animais que se defendem com o mau cheiro que exalam – a prudência me aconselha o silêncio. Mas é arma eficaz, tanto na guerra como na paz. Sugeriria que os estrategistas bélicos incluíssem esse importante meio de defesa entre as nobres armas que velam pela pátria.

Finalmente, há os animais que se comunicam através de guinchos e uivos. Tive o desprazer, em dias da semana passada, de receber alguns telefonemas desses animais.

Além dos animais que se comunicam com uivos e guinchos, há o homem. O livro, embora primário, é categórico ao afirmar: “só o homem tem o dom da palavra”.

E é através da palavra, é pronunciando-a clara e corajosamente, sem medo, que podemos unir todos os homens e a eles nos unir contra todos os animais que para sobreviverem exalam mau cheiro, mudam de feitio e cor, usam chifres e patas.

Animais que para sobreviverem precisam da força e da estéril tranquilidade que só a imbecilidade dá e sustém.

(19-4-1964)

Carlos Heitor Cony é jornalista e escritor. É editorialista da *Folha de S.Paulo* e membro da Academia Brasileira de Letras desde 2000. É autor, entre outros, dos romances *O ventre* (1958), *Matéria de memória* (1962), *Antes, o verão* (1964), *Pessach: A travessia* (1967), *Quase memória* (1995) e *Romance sem palavras* (1999); do livro de contos *Babilônia! Babilônia* (1978); e dos ensaios biográficos *Charles Chaplin* (1965), *Quem matou Vargas* (1972) e *JK – Memorial do exílio* (1982). @ – cony@uol.com.br

* Reproduzidas com a autorização do autor de: CONY, C. H. *O o ato e o fato*. Crônicas políticas de Carlos Heitor Cony. A presença sempre viva do som e da fúria de 1964 nas vigorosas crônicas que marcaram uma época. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.25-7, p.39-40 e p.51-3, respectivamente.

¹ Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.